

RESUMO DAS MESAS REDONDAS

Inicição
paradesportiva

Treinamento
de alto rendimento

Avaliação
no paradesporto

Desenvolvimento
do paradesporto

Dança em
cadeira de rodas



Pedagogia do Esporte: contextos, evolução e perspectivas para a iniciação no Esporte Paralímpico.

Profa Dra Larissa Rafaela Galatti
Centro de Desporte – Universidade Federal de Santa Catarina.
Email: lagalatti@hotmail.com

O Esporte é um dos fenômenos socioculturais de maior expressão neste século XXI, sendo os Jogos Olímpicos, consolidados no século passado, uma de suas expressões. Igualmente consolidado no século XX, os Jogos Paralímpicos vem se fortalecendo no atual primeiro quarto de século, ganhando os atletas relevância esportiva e social. Este cenário evidencia a evolução constante do Esporte e Paradesporto, sobretudo no Brasil, país que receberá em 2016 a 31ª. edição dos Jogos Olímpicos e a 15ª. edição dos Jogos Paralímpicos. Nestes, o Brasil teve excelente desempenho em Londres 2012: terminou as competições na sétima colocação final dentre 164 países participantes. No entanto, para que tais resultados possam ser mantidos e mesmo superados, como almeja o CPB no Rio de Janeiro, é fundamental que a formação de novos atletas paralímpicos continue evoluindo; mais que isso, é necessário consideramos o valor que tal competição pode ter junto às pessoas com deficiência em todo o país, sendo importante considerar a ampliação do acesso ao paradesporto e prezar, no momento da iniciação esportiva, pelos princípios da inclusão e autonomia, assim como pela diversificação de procedimentos pedagógicos que respeitem os aspectos motores, cognitivos e afetivos, priorizando o desenvolvimento integral do indivíduo. Interessante ressaltar, ainda, o fenômeno da iniciação esportiva tardia, ou seja, quando o acesso à prática sistematizada de uma dada modalidade se dá na idade adulta, sendo este fenômeno mais evidente no paradesporto, sobretudo quando a deficiência é adquirida. Assim, se evidencia o objetivo da intervenção neste simpósio: com base na revisão de literatura relativa à Pedagogia do Esporte, destacar princípios e condutas pedagógicas para o Esporte Paralímpico no momento da iniciação esportiva. Considerando a Pedagogia do Esporte como a disciplina das Ciências do Esporte que investiga as etapas de organização, sistematização, aplicação e avaliação de procedimentos pedagógicos nos momentos da iniciação, especialização e treinamento esportivo, o texto considera a imprevisibilidade, criatividade e complexidade que permeiam o fenômeno do esporte paralímpico, sinalizando a intervenção pedagógica a partir de três referenciais: (1) técnico-tático, que diz respeito aos aspectos técnico, tático e físico de cada modalidade, assim como a sistematização e opção metodológica para o seu desenvolvimento; (2) referencial socioeducativo, que diz respeito ao estímulo de valores e modos de comportamento esperados pelo grupo em aprendizagem ou treinamento esportivo; (3) referencial histórico-cultural, que nos remete aos aspectos históricos, evolução das regras e personagens marcantes do esporte. Desta forma, respeitando as características, necessidades e potencialidades das pessoas que se iniciam no paradesporto, se espera contribuir para seu pleno desenvolvimento integral, assim como para a revelação de novos atletas paraolímpicos.



Iniciação no esporte paralímpico para crianças e adolescentes com deficiências motoras

Profa. Dra. Márcia Greguol
Universidade Estadual de Londrina
Email: mgreguol@gmail.com

A prática de uma atividade esportiva por crianças e adolescentes é reconhecida como uma ferramenta de grande importância para o desenvolvimento saudável, além de colaborar para a manutenção de um estilo de vida ativo na idade adulta. Também para aqueles com algum tipo de deficiência, existe grande preocupação atual sobre a necessidade de se oferecer programas específicos de atividades esportivas, não apenas com finalidade competitiva, mas também focando no lazer, saúde e qualidade de vida. Infelizmente, poucas são as oportunidades para que estes jovens possam se engajar com sucesso em tais programas. As barreiras impostas a este acesso vão muito além das arquitetônicas, incluindo também a falta de capacitação de profissionais para lidar com esta população, a falta de materiais apropriados e, principalmente, a falta de informação para os próprios jovens com deficiência e suas famílias. Quando analisamos a situação de crianças com deficiências motoras, seu processo de iniciação esportiva pode ser ainda mais agravado pela escassez de recursos materiais e de acessibilidade adequados. Ainda que este tipo de deficiência em nada comprometa a capacidade de compreensão e assimilação de conteúdos por parte da criança, a mobilidade reduzida pode representar um obstáculo à sua participação nas atividades esportivas, especialmente pelo pouco preparo dos profissionais em lidar com esta situação. O esporte pode significar para jovens com deficiências motoras um significativo ganho de autoconfiança e autoestima, principalmente pelo fato delas perceberem que são capazes de executar habilidades motoras de forma independente. Diferente da matemática ou da física, nas quais existe apenas uma resposta correta, no universo do movimento, várias são as possibilidades de execução para se chegar a um mesmo objetivo e, dessa forma, todos podem vivenciar experiências de sucesso. Um ponto que certamente têm contribuído para a maior procura de crianças e adolescentes com deficiências motoras pela prática esportiva foi a crescente divulgação nos meios de comunicação dos eventos paradesportivos, nos quais podemos ver constantemente atletas com deficiência obtendo rendimentos fantásticos, cada qual dentro de sua potencialidade diferenciada. Embora ainda sejam tímidas as iniciativas implementadas visando a formação esportiva inicial destes jovens, a implementação de competições escolares paradesportivas e o maior apoio para o esporte adaptado nas escolas são exemplos de ações que indicam crescimento neste setor. Ainda assim, mais avanços são necessários de forma a tornar a prática esportiva acessível para jovens com deficiências motoras e estes avanços passam obrigatoriamente pela ampla acessibilidade e pela capacitação profissional. Embora as dificuldades de acessibilidade arquitetônica existam, e devam ser eliminadas, as barreiras impostas pela falta de informação e pelo preconceito conseguem ser ainda mais nocivas. De nada vão adiantar as leis criadas para garantir o acesso de crianças e adolescentes com deficiência às práticas de atividades esportivas, se não tivermos profissionais aptos e seguros para lidar com esta realidade. Nenhuma política pública será frutífera se os profissionais responsáveis pelos programas de iniciação esportiva para jovens não conseguirem enxergar naqueles com deficiência potenciais enormes a serem explorados.

Dança em cadeira de rodas: arte, promoção da saúde e educação.

Profa. Ms Soyane de Azevedo Vargas do Bomfim
Fundação de Apoio à Escola Técnica – FAETEC
Email: soya@oi.com.br

Compreender a dança em cadeira de rodas e, por extensão, a dança para pessoas com deficiência como um direito de acesso à arte, à prática de atividade física para promoção da saúde e como exercício de cidadania, pode contribuir de forma significativa para democratizar sua prática, para aquisição de seus benefícios e para mudança de paradigma da sociedade, em relação às habilidades da pessoa com deficiência. Além de se configurar como uma das atividades, com excelente potencial integrador no contexto educacional, quando seu desenvolvimento considera os saberes já existentes e aprimora as aprendizagens. Nossa intervenção pretende destacar a importância desses enfoques, na prática da dança em cadeira de rodas, com a criação de estratégias e procedimentos que favoreçam essas abordagens e, especialmente, atendam às expectativas e necessidades dos bailarinos/estudantes. Nesse contexto, apresentaremos algumas ações metodológicas que podem balizar a didática das aulas de dança em cadeira de rodas, servindo de ponto de partida para a construção de conhecimento nessa área. Demonstraremos também alguns resultados obtidos por nossos bailarinos/estudantes, no que tange à representação social da dança em cadeira de rodas para essas pessoas.



A dança sobre cadeiras de rodas: as possibilidades do dançar “para além de corpos...”

Prof.^a Dr.^a Mara Rubia Alves da Silva

Universidade Federal de Santa Maria/Centro de Educação Física e Desportos/RS/Brasil

Email: rubiaufsm@hotmail.com

Desde os primórdios dos tempos que o homem manifesta-se através da Dança, seja como celebração, participação ou espetáculo. Para Garaudy (1980), os homens dançaram em todos os momentos solenes de sua existência, seja na guerra, na paz, no casamento, nos funerais, na sementeira, na colheita, dentre outros. Porto (2005) acredita na Dança em cadeira de rodas como uma das inúmeras formas e possibilidades para se explorar o dançar. É mais uma oportunidade que surge para o corpo dançante poder sentir algo de próprio e singular. Acredita, igualmente, que o corpo sendo limitado ou não fisicamente, ao dançar em uma cadeira de rodas, poderá sentir todas as emoções que qualquer dançarino sente, ou seja, ele é um corpo dançante que pode viver intensamente os movimentos na sua relação com o mundo, deixando-se perceber pensando, criando, atuando, decidindo e sentindo muitas coisas ao movimentar-se. Conforme Gaio (2006) a história do corpo deficiente, tem como ponto de partida e como ponto de chegada a realidade, é produto das ações sociais, culturais, políticas, religiosas do ser, diferente em cada momento, forjada no encontro incessante com o meio ambiente. No mundo primitivo existiam dois tipos de atitudes em relação ao corpo deficiente, o de aceitação, tolerância e outro de eliminação e menosprezo. Nos dias de hoje, numa nova visão, Gaio (2006) lembra que aceitar e viver de maneira diferente é promover a valorização do ser humano a partir do que ele realmente é e não do que ele poderia ou deveria ser. Com a Dança, conforme escreve Tolocka (2006), podemos estimular os alunos, a platéia, as pessoas em geral a enxergar, a representar e a visualizar uma sociedade aberta às diferenças. O importante é que estes corpos consigam expressar seus sentimentos através da Dança, uma Dança para todos, uma Dança que não tem limites, que permite ser o que somos, “diferentes”. A partir destas reflexões queremos mostrar neste trabalho que estes corpos possam através da Dança mostrar e desenvolver suas habilidades motoras enquanto seres humanos capazes, que tem seu espaço na sociedade, que precisam ser valorizados, que querem viver. Para Tolocka (2006), a Dança surge como possibilidade de movimentos para além de corpos, de formas e de técnicas perfeitas, é meio de comunicação e transmissão de idéias, de fala e de expressão dos diferentes e sobre as diferenças. De acordo com Mattos (2005), é preciso quebrar o preconceito de que a pessoa que utiliza uma cadeira de rodas para sua locomoção não pode criar movimentos e se expressar através da Dança. É preciso oferecer aos dançarinos que utilizam as cadeiras de rodas para locomoverem-se, situações de auto-expressão e oportunidades de descobertas de suas reais possibilidades, sugerimos que haja uma observação quanto as capacidades motoras e os interesses destes alunos, estimulando sua participação em todas as situações, dentre elas, as artísticas.

Goalball – uma modalidade diferenciada

Prof Diego Gonçalves Colletes
SESI-São Paulo
Email: dicolletes@gmail.com

Goalball!! Este nome já nos chama atenção. O que será isto? Pergunta freqüente para aqueles que praticam ou trabalham com a modalidade. Modalidade Esportiva Paralímpica criada por dois europeus logo após o término da Segunda Guerra Mundial. Realmente foram muito felizes em sua criação, pois hoje temos o Goalball um dos jogos de maior representatividade no desporto paralímpico para deficientes visuais, sendo um jogo que não foi adaptado de nenhuma outra modalidade Olímpica. O jogo consiste em um desafio entre dois trios (uma equipe é composta por seis atletas no máximo), jogando dentro de uma quadra com as mesmas dimensões da quadra de voleibol (18m x 9m). Chama muito nossa atenção as traves (gol), pois ele tem 9 metros de largura x 1.30 de altura! Na quadra existem várias marcações táteis (utilizam-se barbantes cobertos por uma fita adesiva), que orientam os atletas em relação ao melhor posicionamento, principalmente para as ações defensivas. Os três jogadores são responsáveis por realizar as defesas, dentro de um sistema defensivo consistente. Os atletas ainda são os responsáveis pelas ações ofensivas através de arremessos com as mãos, variando o tipo de arremesso bolas lisas, quicadas, com efeito, e, realizando ações com movimentações específicas para dificultar a leitura da equipe adversária. O jogo é realizado com dois tempos de 12 minutos cronometrados, sendo 3 minutos de intervalo entre eles. Uma partida dura em média cerca de 40 minutos. O jogo tem várias regras para melhor andamento da partida, mas algo que nos desperta interesse é que os árbitros conduzem o jogo com comandos falados em inglês (língua oficial) em qualquer partida disputada. No Brasil o goalball é praticado desde o final da década de 80, sendo que ganha muita força e adeptos a partir da metade da década de 90. Hoje são mais de 80 equipes praticando em vários estados do nosso país! Temos hoje competições realizadas pelas federações (Campeonatos Estaduais), competições regionais (5 regionais são realizados no país valendo vaga para o Campeonato Brasileiro) e, cada vez mais ações práticas como jogos amistosos, elevando o nível na preparação das equipes para as principais competições. Ao longo dos últimos anos, conseguimos desenvolver muito esta modalidade em nosso país. O Brasil hoje ocupa lugar de destaque no goalball mundial através de algumas conquistas importantes nas últimas grandes competições, sendo a mais importante a medalha de PRATA conquistada pela categoria masculina nas Paralimpíadas de Londres em 2012. Estes resultados positivos tem sido de muita importância para que consigamos dar continuidade no trabalho de excelência tanto na seleção nacional, como também melhorar as condições em nossas competições, e ainda, no desenvolvimento técnico, tático, físico e mental dentro das equipes brasileiras. Muito interessante é poder ver de perto todos estes detalhes do jogo, toda esta diferenciação numa modalidade esportiva tão especial. Agrega-se muito conhecimento trabalhando com o goalball. Para os profissionais da área da Educação Física é um prato cheio de novidades e motivações para uma carreira diferenciada e de conquistas dentro e fora da quadra!!



Formação do atleta guia no paradesporto

Prof Esp. Rogério Meireles Franco
Treinador de Atletismo Paralímpico Nível II e Atleta-guia de deficientes visuais
Email: rogeriomfranco@outlook.com

O *Paradesporto* alcançou altos níveis de desenvolvimento nos últimos 5 anos, principalmente no Brasil, que hoje ocupa a 7^a posição entre as potências mundiais conquistada na edição de 2012 das Paralimpíadas de Londres (CPB, 2012). Concomitantemente, ocorre o crescimento da prática esportiva de pessoas com deficiência e seus resultados em competições dentro e fora do país, necessitando de profissionais especializados nas escolas, clubes, instituições e projetos de iniciação, formação e treinamento esportivo, envolvendo as áreas do conhecimento da Educação Física, Medicina, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, entre outras. Além disso, tanto na formação, quanto no alto rendimento, os Paratletas necessitam de equipamento e material humano específicos para seu desempenho nas modalidades adaptadas e criadas exclusivamente para cada classe de deficiência. Dentre esses materiais humanos existe a função do *atleta-guia*, utilizado pelos *atletas deficientes visuais* nas modalidades e provas que exigem o acompanhamento total durante a orientação no espaço, tais como paratletismo, paraciclismo e paratriathlon. Exercem essa função, normalmente na iniciação, o Treinador ou Profissional de Educação Física. No alto rendimento existe a necessidade de serem atletas profissionais, tamanho o rendimento físico dos *atletas deficientes visuais*. Uma das definições e características dessa atuação do *atleta-guia* é fisiológica, exigindo melhor condicionamento físico comparado com a condição do *atleta deficiente visual*, sendo ideal o valor de 10 a 15% maior. Assim, garante-se o rendimento e as marcas do atleta em treinos e eventos, em condições normais e em casos de indisposição, pequenas lesões e outros problemas que podem acometer o *atleta-guia* momentos antes da prova. Outra característica importante para um bom acompanhamento é biomecânica, sendo a estatura e tamanhos de membros, e consequentes amplitudes de movimentos, muito próximas ao do *atleta deficiente visual*. Isto determina uma coordenação e um sincronismo da dupla no momento da ação e, consequentemente, potencializa a biomecânica ideal do *atleta deficiente visual* para seu rendimento. Porém, a mais importante característica do *atleta-guia* para o sucesso do *atleta deficiente visual* é comportamental. O trabalho deve se tornar uma parceria, primando por uma relação estreita entre a personalidade de cada um, complementando e otimizando o objetivo comum. Salientamos que a função do *atleta-guia* não se restringe às pistas, mas também na orientação e apoio durante o cotidiano de treino do atleta cego no entorno e nos momentos e locais relacionados à competição.

Avaliação psicológica no contexto do esporte paralímpico

Profa. Dra. M^a Regina F^a Brandão
Universidade São Judas Tadeu; Comitê Paralímpico Brasileiro
Email: mrfbrandao@gmail.com

A avaliação psicológica pode ser caracterizada como uma atividade científica e profissional que consiste em recolher, integrar e analisar dados sobre atributos psicológicos de determinado indivíduo ou grupo de indivíduos. A psicometria esportiva tem desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento da Psicologia do Esporte. O uso de testes, escalas e questionários psicológicos tradicionalmente tem servido para avaliar traços, atitudes, habilidades, estilo cognitivo e afetivo de atletas. No entanto, um dos principais problemas com que nos deparamos no Brasil é o expressivo número de trabalhos da área da psicologia do esporte que se valem de instrumentos de avaliação psicológica, porém, não devidamente adaptados e validados para a população de atletas na qual é realizada a investigação. Considerado esse panorama, fez-se necessário a elaboração e adaptação de instrumentos que avaliassem a realidade brasileira do atletismo paralímpico e que, além de poderem avaliar os fenômenos psicológicos, buscando-se examinar e determinar o estado psíquico dos atletas e, em particular, o estado de pré-disposição psíquica para as competições e os treinamentos pudessem auxiliar na implantação de programas de preparação psicológica e de treinamento mental, juntamente com medidas de aconselhamento e acompanhamento dos atletas. As questões *o que* precisa ser avaliado, *como*, *onde*, *quando* e *por que* dominaram nossas discussões com relação ao desenvolvimento dos testes psicológicos no esporte paralímpico. Outros aspectos que permearam o uso desses testes ecologicamente válidos é que eles não deveriam em hipótese alguma ser utilizados para selecionar atletas, “cortar” atletas ou para escalar atletas para uma determinada competição e, o psicólogo do esporte deveria ser extremamente cuidadoso na interpretação dos resultados.



Controle postural em atletas de futebol de cinco

Prof^ª. Dr^ª. Patrícia dos Santos Vigário

Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Reabilitação do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)
e-mail: patriciavigario@yahoo.com.br

O controle postural é definido como a capacidade do indivíduo assumir e manter uma posição qualquer desejada, seja estática ou dinâmica. Dessa forma, a integração das informações aferentes provenientes dos sistemas sensitivo (visual e auditivo), vestibular e somato-sensorial (mecanorreceptores) no sistema nervoso central é fundamental para a determinação de padrões de ativação muscular adequados para a manutenção da posição (relação entre o centro de massa e base de apoio). Qualquer alteração que ocorra em um desses sistemas ou mesmo no alinhamento postural, poderá comprometer o controle postural, determinando a necessidade de reajustes dos demais sistemas para a manutenção da posição. Nesse cenário, aspectos como a avaliação do equilíbrio e do alinhamento postural são comumente utilizados para o melhor entendimento do controle postural. O equilíbrio estático pode ser avaliado através da estabilometria (padrão outro; relação entre o centro de pressão e a base de apoio), onde as principais variáveis avaliadas são: velocidade de deslocamento (cm/s) e deslocamento (cm) nos eixos ântero-posterior e médio-lateral e área de deslocamento (cm²). O alinhamento postural, por sua vez, pode ser avaliado através da fotogrametria, onde medidas angulares ou lineares são quantificadas. As pessoas com deficiência visual apresentam comprometimentos no controle postural em função da ausência das informações visuais, tais como orientação e senso de posição. No entanto, sabe-se que a presença de estímulos, como a prática de exercícios físicos, sobretudo o mais precoce possível, pode influenciar positivamente em aspectos relacionados ao controle postural. No cenário esportivo, tem sido discutido na literatura que algumas modalidades possuem uma maior dependência da visão para os reajustes posturais, como no caso do *ballet* e do futebol. Extrapolando para o esporte Paraolímpico, especificamente em relação ao futebol de cinco, modalidade voltada para pessoas com deficiência visual, acredita-se que um pior controle postural também seja identificado nesses atletas, que consequentemente poderia comprometer o desempenho esportivo. No entanto, não existem evidências científicas que comprovem tais suposições.

Paracanoagem – o desenvolvimento da nova modalidade paralímpica

Prof Esp. LEONARDO MAIOLA

Supervisor do Comitê de Paracanoagem – Confederação Brasileira de Canoagem

Email: leonardo.maiola@canoagem.org.br

A Paracanoagem, canoagem praticada por pessoas com deficiência, é realizada em águas calmas e suas provas em eventos nacionais e internacionais normalmente ocorrem junto com provas de Canoagem Velocidade. As disputas no Campeonato Brasileiro são de 200m e 500m, porém em eventos internacionais são realizadas apenas as provas de 200m. Além da divisão de distância existe a separação por embarcação, onde há a prova de K1 (caiaque para uma pessoa) e V1 (canoas para uma pessoa) e por classe funcional, as quais são três (LTA, TA e A), estas classes são somente para pessoas com deficiência física. A modalidade vem em crescente desenvolvimento em âmbitos administrativos e competitivo, nos últimos três anos o número de atletas participantes no Campeonato Brasileiro subiu de 17, em 2010, para 49 em 2012. Com este crescimento surge a necessidade de ampliar o número de classificadores funcionais, desta forma no mês de julho de 2012 iniciou-se a formação de Classificador Funcional, onde a primeira etapa foi composta por um curso presencial ministrada por um Classificador técnico e médico, ambos internacionais. No mesmo caminho necessita a realização de curso de técnico o qual tem programado para ser realizado no primeiro semestre de 2014. No histórico internacional o Brasil tem sete títulos mundiais, sendo que cinco com atletas masculinos e dois títulos feminino. Concomitante a isto, em 2013 o Brasil ficou em segundo lugar no ranking geral da modalidade, conquistando além de dois títulos uma terceira colocação, o que coloca o país como um grande protagonista na modalidade para 2016, no entanto para manter este crescimento e alcançar a primeira colocação o Brasil em 2014 iniciará o centro de treinamento de Paracanoagem na cidade de São Paulo a qual receberá 12 atletas de alto rendimento, além de contemplar clínicas da modalidade, que consiste na capacitação de atletas e técnicos que poderão ficar uma semana em imersão no Centro de Treinamento, aprimorando assim o conhecimento técnico e físico, estimulando o desenvolvimento da modalidade em pequenos pólos. Desta forma a Confederação Brasileira de Canoagem representada pelo Comitê de Paracanoagem espera alcançar o seu objetivo nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 que é a conquista de 3 medalhas de ouro, além de estimular o desenvolvimento da modalidade em outros âmbitos, fortalecendo o esporte para a continuidade após os Jogos.

O início dos esportes de neve adaptados no Brasil: uma parceria entre cbdn e cpb sustentada pela ciência aplicada ao esporte

Prof Pedro Cavazzoni
Superintendente Técnico da Confederação Brasileira de Desportos de Neve – CBDN
Email: depto_tecnico@cbd.org.br

A Confederação Brasileira de Desportos na Neve (CBDN) é a entidade nacional que administra os esportes de neve no Brasil. Atualmente organiza 5 modalidades Olímpicas, a saber: Biathlon de Inverno, Esqui Nórdico, Esqui Alpino, Snowboard e Esqui Estilo Livre, além de promover o Rollerski, o Biathlon de Verão e o Esqui na Grama. A primeira participação brasileira em eventos oficiais de neve data de 1966, no Campeonato Mundial de Ski Alpino de Portillo, Chile. Em 1990, a então ABS (Associação Brasileira de Ski), filia-se ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Em 2003, seu nome é alterado para o atual e sua responsabilidade amplia-se a todas modalidades de neve. A entidade é filiada à Federação Internacional de Esqui (FIS) e União Internacional de Biathlon (IBU) e é responsável pela organização de Campeonatos Brasileiros e Sul-americanos. Após quase 60 anos de atividades, as modalidades de neve brasileiras alcançaram posição de destaque em todos os rankings Latino-americanos das modalidades que administra. No final de 2012, a CBDN iniciou uma parceria com o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) com o principal objetivo de desenvolver as modalidades adaptadas de neve no Brasil. Com apoio do CPB, as atividades tiveram início em 2012 nas modalidades Ski Cross Country e Snowboard com objetivo de classificar o Brasil à sua primeira participação em Paralimpíadas de Inverno em 2014. Com as primeiras metas completadas com sucesso, a parceria ganhou força e as duas entidades basearam-se em estudo de competitividade e viabilidade de desenvolvimento das modalidades adaptadas de neve, que foi realizado através da identificação dos atletas que fazem parte dos rankings mundiais e as vagas para a participação nos Jogos Paralímpicos de Vancouver, 2010, para projetar o futuro. O estudo norteou o planejamento estratégico para os próximos ciclos paralímpicos e, subsequentemente, estabeleceu novas metas para o esporte adaptado de neve brasileiro. As modalidades Ski Cross Country e o Biathlon de inverno foram identificadas como oportunidade de desenvolvimento, tendo em vista a baixa competitividade relativa e a viabilidade de desenvolvimento técnico fora da neve. Dentro destas modalidades, os subgrupos do gênero feminino e as classes com deficiência visual parecem apresentar as melhores oportunidades de desenvolvimento. O desenvolvimento de ciência aplicada ao esporte foi selecionado pela CBDN como um pilar fundamental de sustentação do projeto. Desta maneira, as duas entidades visam a expansão e o desenvolvimento das modalidades adaptadas de neve com especial atenção à criação de uma estrutura técnica que favorecerá a detecção e desenvolvimento de talentos esportivos. Assim, a cogestão terá como objetivo principal orientar da melhor maneira possível o vínculo entre ciência aplicada ao esporte e uma equipe multidisciplinar qualificada. Com o projeto, espera-se difundir as modalidades de inverno, contribuir para o desenvolvimento sustentável do esporte paralímpico e reforçar a imagem do Brasil como potencia esportiva paralímpica.

O paratriathlon no Brasil e no mundo

Prof Dr Gerson dos Santos Leite
 Universidade Nove de Julho; Federação Paulista de Triathlon
 Email: gersonslt@gmail.com

O paratriathlon é uma modalidade nova que será disputada pela primeira vez em Jogos Paralímpicos no Rio de Janeiro em 2016. Modalidade que combina natação, ciclismo e corrida e está em pleno desenvolvimento, não só no Brasil mas no mundo todo. Atualmente as classes funcionais são 6, indo de TRI1 a TRI6, incluindo atletas com deficiência física e visual, com classes incluindo todos os cadeirantes (TRI1), amputações de membro superior e inferior e outras deficiências (TRI2-TRI5) e deficientes visuais (TRI6a,b). No Brasil a Confederação Brasileira de Triathlon (CBTri) tem desenvolvido projetos para o aumento do número de praticantes da modalidade, incluindo o Campeonato Brasileiro de ParaTriathlon sendo realizado em várias etapas e a participação de atletas brasileiros em Mundiais e Panamericanos custeados pela CBTri. A classificação funcional mudará em 2014 e todos os atletas deverão ser reclassificados, visto que a União de Triathlon Internacional (ITU), principal órgão do esporte tem acertado com o Comitê Paralímpico Internacional (IPC) esta nova classificação, baseada em evidências científicas. Após a nova classificação funcional ser apresentada ao mundo, a corrida pelas vagas nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro começarão em 2015 baseada nesta nova classificação. A prova de paratriathlon é realizada na distância Sprint, onde os atletas nadam 750m, pedalam 20km e correm 5km, tudo em sequência. Os atletas deficientes visuais nadam junto com seu Guia, atleta responsável pelo auxílio visual em toda a prova. Os atletas cadeirantes e os amputados tem direito a um Handler, que é um auxiliar para entrada e saída da água, para tirar a roupa de borracha, auxiliar no calçamento de próteses e para empurrar cadeiras quando necessário na transição da natação para o ciclismo ou para o auxílio do ciclismo a corrida. A Federação Paulista de Triathlon tem buscado auxiliar neste processo todo e criou em 2013 o Campeonato Paulista de ParaTriathlon, disputado em diferentes etapas e premiando os atletas nestas competições. Como já comentado, o esporte está em desenvolvimento e necessita de muito planejamento e apoio para se destacar nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro.

